

Livro de poemas

POEMA DO PERÍODO : BARROCO

O todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo, Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos disse as partes todas deste todo.

(Soneto de Gregório de Matos)

QUINHENTISMO

Jesus na manjedoura (José Anchieta)

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

ROMANTISMO

CANÇÃO

Canção Não te fies do tempo nem da eternidade, que as nuvens me puxam pelos vestidos que os ventos me arrastam contra o meu desejo! Apressa-te, amor, que amanhã eu morro, que amanhã morro e não te vejo! Não demores tão longe, em lugar tão secreto, nácar de silêncio que o mar comprime, o lábio, limite do instante absoluto! Apressa-te, amor, que amanhã eu morro, que amanhã eu morro e não te escuto! Aparece-me agora, que ainda reconheço a anêmona aberta na tua face e em redor dos muros o vento inimigo... Apressa-te, amor, que amanhã eu morro, que amanhã eu morro e não te digo...

Cecília Meireles

NATURALISMO / ESTHER LESSA

Que importa que lá fora seja dia Se aqui dentro de
mim a noite impera Consciência se me mostra e
assedia E me dói tanto assim esta atmosfera ?!

Inevitável era ir caindo no abismo... Ter de todo o mal
terrível visão Quisera invocar ali o absentismo Mas,
como? Vento gelado brada: Não!

Ah! No fundo das jazidas só há o fel Torturas dos
antigos sonhos perdidos Certezas somente do final
cruel ! À minha volta ... desespero explodido !...

E sem poder até O Eterno chegar Colho flores mortas
... angustiado... mutismo Na desgraça da
inconsciência a vislumbrar : Miséria infinita ... puro
Naturalismo !

PARNASIANISMO

Vaso Chinês Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador
sobre o mármore luzidio, Entre um leque e o começo
de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado, Nele pusera o
coração doentio Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura, Quem o
sabe?... de um velho mandarim Também lá estava a
singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a, Sentia
um não sei quê com aquele chim De olhos cortados à
feição de amêndoa.

(Alberto de Oliveira)

SIMBOLISMO

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar... Queria subir ao céu, Queria descer ao mar...

E, no desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava longe do céu... Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu As asas para voar. . . Queria a lua do céu, Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu Ruflaram de par em par... Sua alma, subiu ao céu, Seu corpo desceu ao mar...

(Alphonsus de Guimaraens)

REALISMO

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve, Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

ARCADISMO

XCVIII

Destes penhascos fez a natureza O berço em que
nasci: oh! quem cuidara Que entre penhas tão duras
se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo
render-me; ele declara Contra o meu coração guerra
tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que
dava ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao
cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura, Temei,
penhas, temeis, que Amor tirano, Onde há mais
resistência, mais se apura.

Manuel Cláudio da Costa

MODERNISMO

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os
passarinhos daqui Não cantam como os de lá Minha
terra tem mais rosas E quase que mais amores Minha
terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra Ouro
terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita
Deus que eu morra Sem que volte para lá Não
permita Deus que eu morra Sem que volte pra São
Paulo Sem que veja a Rua 15 E o progresso de São
Paulo.

Oswald de Andrade